

## Leituras de Imagem no Ensino da Arte

**Sandra Regina Ramalho**

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (1986), é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo (1998), com pós-doutoramento na França, em Semiótica Visual (2002). Pesquisadora e professora da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, atua na Graduação e no Mestrado em Artes Visuais e Design como professora e orientadora. É membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Semióticos e Transdisciplinares do CNPq e, também, é membro da InSEA (International Society of Education through Art), da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte), da AICA (Association Internationale de Critiques d'Art), da ISVS (International Association of Visual Semiotics), do CRICC (Centre de Recherche Images, Cultures et Cognitions) da Université Paris 1- Panthéon-Sorbonne. Pesquisa nas áreas de Semiótica Visual, Ensino de Arte e Teoria e Crítica da Arte.

**Resumo:** Neste texto, proponho uma reflexão acerca de alguns aspectos sobre o que se tem dito e feito acerca da leitura de imagens. Ressalto a importância da pluralidade, também no caso das leituras. Reafirmo meu respeito pelas bases teóricas diferentes da semiótica. Retomo algumas incompreensões. Assumo a complexidade como um fator inerente à questão. E tento ser otimista.

**Palavras-chave:** leitura de imagens; semiótica visual; ensino da arte; linguagem visual.

### Readings of Image in Teaching of Art

**Abstract:** In this paper, I propose a reflection about some aspects of what is being said and done about the reading of images. I stress the importance of plurality, also in the case of the readings. I reiterate my respect for different theoretical foundations of semiotics. I reiterate some misunderstandings. I assume complexity as a factor inherent in the issue. AND I try to be optimistic.

**Keywords:** reading visual images; semiotics; teaching of art; visual language.

## **Leituras de Imagens**

O oitavo Ciclo de Investigações do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC coloca na pauta, mais uma vez, a questão do acesso da maioria da população à linguagem visual, o que genericamente vimos chamando de “leitura de imagens”.

Não gostaria que minhas posições aqui tivessem a conotação de arrogância acadêmica, por conta de uma certa exaustão de minha parte em relação ao assunto; ao contrário, meu cansaço se deve ao fato de que mesmo tendo dedicado a maior parte dos meus últimos vinte anos às leituras de imagens, ainda estou muito longe de conseguir me sentir livre de inquietações em relação a tais processos, pois se trata de uma temática inesgotável, mesmo se restrita ao âmbito das escolas. Talvez mesmo essa busca sem fim me tenha cansado, justamente por ela ser infinita.

Assim, o fato de o tema voltar à mesa é sempre oportuno e se presta para uma revisão, que deve ser permanente, bem como para esclarecer críticas camufladas, além de propiciar a sempre saudável autocrítica.

Portanto, não se trata de um assunto requeitado, pois a cada retorno há uma atualizações, dadas as experiências que se acrescentam a cada dia em sala de aula e, principalmente, fora delas, bem como as reflexões propiciadas pelas distintas bases teóricas que se ocupam de sustentar o que todos nós pensamos, o tempo todo - iniciados, especialistas e leigos – diante das imagens.

Na mesa com o título homônimo ao deste breve ensaio, tive a oportunidade e o prazer de compartilhar ideias com a Professora Consuelo Schischta, da Universidade Federal do Paraná, UFPr, com a qual também troquei percepções acerca do assunto dias antes de nosso encontro. Foi bastante frutífero para mim e espero que também para ela e para todos os demais participantes. Como optei, no evento, ir ao debate sem um texto prévio, aqui tento concatenar algumas das ideias ali colocadas por mim.

### **Leituras distintas, objetivos distintos**

A primeira mudança relacionada ao tema leitura de imagens, neste Ciclo de Investigações, vem no próprio título dado à mesa que discutiu o assunto: a palavra leitura está no plural e não no singular, como na maioria das vezes. Isto reitera o que tenho dito

por meio de gestos mais do que por palavras, e aqui agradeço a oportunidade de poder dizer-lo através de palavras escritas.

Em todas as disciplinas que ministro, na graduação ou na pós-graduação, nas Artes Visuais ou no Design, sempre incluo a questão da diversidade de molduras teóricas que se ocupam, cada uma a seu modo, de acessar aos conteúdos expressos no modo visual. Prova disto é que sempre introduzo um seminário sobre leitura de imagens com livros e textos de autores que não sejam semioticistas. Para tanto, empresto meus próprios livros, uma coleção que tenho, fora da semiótica, sobre leitura de imagens. Ora, se se deve optar por um caminho, deve-se conhecer os demais; senão, não é opção. Depois, se eventualmente tenho alguma discordância teórica ou metodológica, devo conhecer mais a fundo o que critico do que o que defendo, sob a pena de, fazendo juízos inconsistentes, demonstrar fragilidades de várias ordens.

Fazem parte desse acervo, sem critério de ordem, Terezinha Sueli Franz e seu trabalho *Educação para a compreensão crítica da arte*; Annateresa Fabris, organizadora da coletânea *Arte e Política: algumas possibilidades de leitura*; Erwin Panofsky com *Significado nas Artes Visuais*; Ananda K. Coomaraswamy, com *Come interpretare un'opera d'arte*; John Berger e *Os modos de ver*; Michael Parsons e o seu livro *Para compreender a arte*; Susan Woodford com *A arte de ver a arte*; Armino Trevisan e *Como apreciar a arte*; Michael Baxandall com *Padrões de interação: a exploração histórica dos quadros*; Massimo Canevacci e a sua *Antropologia da comunicação visual*; Antonio Costela com *Para apreciar a arte: roteiro didático*; Fayga Ostrower e *Universos da arte*, Alberto Mangel e seu *Lendo imagens*.

Claro, há ainda, nesse acervo, além dos citados, os autores que se pautam nos princípios semióticos para estudar a imagem visual, como Omar Calabrese, Jean-Marie Floch, Eric Landowski entre diversos estudiosos estrangeiros e Analice Pillar, Moema Rebouças, Anamélia Bueno Buoro e Ana Claudia de Oliveira, entre os brasileiros; mas estes não fazem parte do exercício intelectual que percorro com os alunos, nessa ocasião, mostrando vários modos de abordar a imagem, os diversos caminhos, os distintos modos de pensar em relação à imagem e também os diferentes processos, as metodologias empregadas por autores tão díspares no tempo e no espaço, com formações tão diferentes e intenções também. Os semioticistas são fontes guardadas para as outras aulas.

Mas nessa atividade curricular, nesse ato quase solene pretendo expressar, para os estudantes tenham bem claro, por meio de um fazer de uma experiência e não por simples palavras, que são respeitáveis todos os esforços teóricos na perspectiva de possibilitar o

acesso dos indivíduos à linguagem visual e ao acervo cultural que ela veicula, muitas vezes conhecimentos que não estão presentes no mundo que não seja por meio de imagens.

Assim, quero mostrar meu respeito por todos que se lançam nessa tarefa infinda. Diferenças também são muitas, decorrentes do acima exposto, principalmente dos propósitos, que estão sempre associados aos objetos de estudo das ciências na qual se fundamentam seus estudiosos: a antropologia estuda imagens para melhor compreender o homem no contexto da sua cultura; a história estuda imagens para buscar entender o que se passou em tempos remotos; a sociologia estuda as imagens com o intento de verificar as relações que se estabelecem em sociedade, notadamente os processos de dominação; a psicologia, para melhor penetrar no âmago dos indivíduos, visando compreender suas emoções, ideias e seus valores. E quem não lembra de testes psicológicos que nos aplicaram na infância, pedindo que desenhassemos uma árvore, ou a família?

Como se percebe, cada ciência usa as imagens como um meio, às vezes auxiliar, para atingir seu objeto de estudo específico; como as que mais se interessam por imagens são as ciências humanas, observa-se que todas visam compreender o ser humano, mas cada uma delas sob seu ponto de vista particular.

Eis aí uma grande diferença entre as ciência que usam as imagens como meio e a semiótica, que tem na linguagem, inclusive na linguagem visual, o objeto mesmo de seus estudos. Esta é uma diferença que poucos se dão conta, e eu gostaria de sublinha-la: a semiótica não estuda a linguagem, seja ela visual ou outra, para outros fins; a semiótica tem como finalidade precípua o estudo da linguagem, em si. Daí aproximar-se de todas as ciências humanas mas, em especial, da filosofia.

Pelo fato de a filosofia estudar os problemas fundamentais relacionados ao ser humano, como a existência, em si, a verdade, o conhecimento e os valores morais, seria inerente o interesse pelas linguagens. Tanto é que ao longo da história, antes de constituir-se como uma área do saber específico, os conhecimentos de semiótica estiveram abrigados nos domínios da filosofia, dos clássicos gregos, como n' *O Banquete*, de Platão (1979), passando pela estética, pela filologia, pela retórica, pela linguística e pela fenomenologia, subáreas que se não pertenceram em algum momento à filosofia, ao menos correlacionadas a ela foram e ainda são.

## **Das incompreensões às críticas**

Dada a impossibilidade de compreensão do aparato teórico-metodológico da semiótica, com suas ao menos três matrizes ancestrais, muitos se apropriam de apenas um autor que leram ou de unicamente um aspecto que ouviram falar e passam a emitir pareceres e críticas com a pseudo-autoridade de quem realmente conhece. Aos semioticistas resta, humildemente, calar e identificar que autor, período ou linha teórica aquele desafeto teve alguma noção, a partir da qual montou, geralmente com certa habilidade, sua posição antagonista. Geralmente é fácil perceber.

Às vezes se diz que a semiótica não se preocupa com o contexto; tenho até certa vergonha de repetir isso, que alguém do meu meio tenha dito isso, pois sabe-se que qualquer contexto só se constrói com as linguagens; e vice-versa, as linguagens só têm sentido no seu respectivo contexto. Qualquer pessoa relativamente introduzida nas delícias da reflexão pode chegar a esta conclusão sem mesmo consultar qualquer fonte teórica.

Ou seja, subjacente a todas as críticas está sempre a noção simplista e rasa de que o mundo é dual, ainda dominado pelo maniqueísmo, como se só existissem as oposições semânticas de base (claro/vs./escuro; bom/vs./mau; bem/vs./mal). Ora, mesmo no nível fundamental da significação, as oposições são desdobradas no quadrado semiótico (claro/não claro/escuro/não escuro; bom/não bom/mau/não mau; bem/não bem/mal/não mal). E o quadrado semiótico, com os atuais desenvolvimentos da área, é entendido não mais como um quadrado, mas como uma elipse, dados os inúmeros estágios intermediários entre os opostos.

Outra crítica velada é aquela que acusa a semiótica de ser uma teoria, digamos, de direita, em contraposição a teorias consideradas de esquerda. Ora, esse é outro falso dualismo. Esquecem-se que nas raízes da semiótica da Europa oriental, embora ainda não constituída como tal, estavam Bakhtin, Vygotsky e Eisenstein, os quais influenciaram e ainda influenciam a semiótica da Europa ocidental. Mas como sempre acontece nas ditaduras, os estudiosos das significações ou mesmo os produtores culturais críticos, que sabem usar as metáforas para se expressar, acabam sendo proibidos, como Malevich na União Soviética ou Chico Buarque no Brasil. Assim, o sentimento semiótico que ficou conhecido como semiótica russa, ou o movimento denominado Círculo Linguístico de Moscou, foram cerceados com o fechamento do regime soviético, com a sucessão de Stalin após Lenin.

Ora, sempre os modos originais de expressão, com destaque para os modos artísticos, bem como os estudos de significação serão ameaça à dominação do pensamento e não é à toa que no livro 1984, de George Orwell, a *novilíngua* consistia em um idioma que, ao reduzir e aglutinar as palavras, reduzia as significações que circulavam em sociedade, uma forma de dominação. Do mesmo modo, quando a censura proibia matérias na Folha de São Paulo, durante a ditadura militar no Brasil, seus espaços eram preenchidos não com outras notícias, mas com receitas culinárias. Dois exemplos de embates políticos no campo das linguagens envolvendo relações de poder, ou seja, a semiótica a serviço do desmascaramento da dominação, do estudo das relações políticas e sociais.

Por outro lado, hoje se tem como exemplos concretos países que se governam com princípios de esquerda e se faz justiça social; e outros que, com os mesmos princípios, são ditatoriais e desumanos, em diferentes graus; por sua vez, temos o oposto, mas com idêntica gradação, regimes de direita relativamente justos e outros exploradores e injustos. Assim, conforme o recorte, acusar algo ou alguém ser de direita pode ser elogioso. E vice-versa. E eis mais uma crítica inconsistente que se faz à semiótica.

Saiamos um pouco do livre exercício de pensar para rever os semioticistas que nos auxiliam com retrospectos que nos possibilitam compreender um pouco melhor como a semiótica caminhou com o tempo.

### **Diferentes momentos da semiótica**

Quando se fala em semiótica é necessário saber de que semiótica se fala. Muitos equívocos são cometidos por pessoas que pensam que a semiótica é uma só, quer dizer, uma única vertente teórica. Não é. Escrevi um texto bem didático sobre isto. Partindo dessa contingência, é claro que não poderia, nem aqui nem em um livro, atualizar outra linha teórica que não aquela que venho estudando. E ainda me restringindo a ela, assumo o reducionismo inevitável para tentar trazer alguns esclarecimentos a tantos que tem para si um único momento de uma específica abordagem da semiótica cristalizado como semiótica.

Anne Hénault (2006), faz um retrospecto histórico da linha discursiva desde seus primórdios saussureanos e mostra como o projeto científico de Saussure modifica-se, passando do linguístico ao semiolinguístico e, posteriormente, de semiolinguístico ao semiótico, este representado pela École de Paris de A. J. Geimas. E, ao historiar o período

que denomina de semiótico, subdivide-o no que ela chama de primeira, segunda e terceira sínteses.

A primeira síntese, para Hénault (2006, p.p. 128-134), é a da Semântica Estrutural e é datada de 1966; a segunda, que se deu entre 1966 e 1979, é considerado o período dos percursos de transposições dos conteúdos; e a terceira síntese, refere-se ao período de 1980 a 1991, próximo ao desaparecimento do decano da dinastia, Greimas, que se deu em 1992.

Uma das importantes questões desse período e uma das últimas às quais se dedicou Greimas acabou se transformando o programa de estudos dos seus seguidores nos anos que seguiram sua morte. A questão era: existe a possibilidade de se fundar uma semiótica passional?

Por sinal, não por coincidência, uma de suas últimas publicações de Greimas intitula-se *Semiótica das Paixões* e foi escrita em co-autoria com Jacques Fontanille, o qual, no prólogo de seu livro *Semiótica do Discurso* (2007), sobre os desenvolvimentos dessa semiótica nas décadas de 80 e 90, afirma que os diferentes teóricos e suas pesquisas desenvolveram-se em perspectivas quase sempre divergentes. Traça então sua síntese do período tentando apagar as divergências, focando-se nas grandes linhas.

Bastante esclarecedoras são suas palavras acerca das teorias e da história construída por elas, que se prestam enormemente para atualizar tantos quantos se pautam nos primórdios da história da semiótica para se posicionarem criticamente:

Nos anos 1960, a Semiótica constituiu-se como um ramo das ciências da linguagem na confluência da linguística, da antropologia e da lógica formal. Como todas as outras ciências da linguagem, a semiótica atravessou o período dito “estrutural”, do qual ela saiu dotada de uma teoria forte, de um método coerente... e de alguns problemas não resolvidos. O período estruturalista ficou para trás, o que não significa, entretanto, que as noções de “estrutura” e de “sistema” não tenham mais pertinência.

E continua Fontanille afirmando que hoje o cenário das ciências da linguagem é completamente outro:

As estruturas tornaram-se “dinâmicas”, os sistemas se auto-organizam, as formas inscrevem-se em topologia em topologias e o campo das pesquisas cognitivas ocupou, estejamos de acordo ou não, o lugar do estruturalismo em sentido restrito. Em muitos aspectos, essa mudança ainda é superficial, não modificando profundamente as hipóteses e os métodos que, para além das modas intelectuais, definem o espírito das ciências da linguagem. Todavia, solidária a seus vizinhos mais próximos, a semiótica encontrou, ao longo dos quinze últimos anos, e ainda encontra hoje em dia novas questões: ela descobre novos campos de investigação e desloca progressivamente seus centros de interesse.

Eric Landowski, outro integrante da *École de France* de A. J. Greimas, na sua permanente produção intelectual, revê conceitos e métodos, e mesmo o próprio processo de construção do conhecimento na área da semiótica em um livro intitulado *Passions sans nom* (2004), ainda inédito em português. Nele encontram-se proposições que suplantam aquelas que se prestam ao estudo da imagem como texto delimitado e apresenta novos caminhos, que vêm, oportunamente, atender às necessidades dos estudos dos sentidos na arte contemporânea, uma vez que ao invés de imagens bi ou tridimensionais, atualmente temos acontecimentos, situações, como fenômenos artísticos. É preciso fazer as devidas traduções dessas proposições para o ensino de arte, ou seja, para a leitura de imagens, que continua sendo o modo possível para acessar às imagens, aos seus efeitos de sentido, uma das três dimensões dos parâmetros curriculares nacionais, que continuam vigentes. Mas para se introduzir na complexidade da edificação teórica de Landowski é necessário mergulhar em textos densos e extensos.

### **A complexidade é inevitável**

Como pode ser percebido, mesmo que se atenha apenas à semiótica discursiva, ainda assim a diversidade está presente de vários modos, dos diferentes objetos de estudo aos distintos modelos de análise, passando pelos pressupostos teóricos variados. Entretanto, não poderia ser diferente, dada a infinidade de modos de se expressar e de se fazer entender – ou não – e dos distintos modos de olhar e ver, os quais cada vez mais se ampliam com a introdução das novas tecnologias nas sociedades contemporâneas, bem como com novos modos de viver e se relacionar. Portanto, a complexidade que desafia semioticistas e algumas vezes afugenta os demais deve ser entendida como inerente ao conjunto das próprias tessituras de sentidos que transitam em sociedade, em níveis os mais distintos, expressos por meio das mais diversas substâncias linguísticas, e não como um fator impeditivo dos desenvolvimentos exigidos a cada surgimento de nova maneira de se comunicar, tampouco como um fator de críticas gratuitas ou de deserção.

Uma perspectiva de leitura de imagens que se apresenta como abrangente e não menos desafiante, no contexto da semiótica ou das ciências da linguagem, é a dos estudos sobre a intersemiotividade, conforme Calabrese (2008, p. 8), uma área “não muito frequentada em semiótica e nos outros setores das ciências humanas”. Consiste em um modo outro de ler imagens, ou seja, novos modos de aprender e de ensinar, desta

feira, por analogias. Este é o foco que pretendo imprimir daqui para a frente em minhas investigações.

### **Referências:**

- BAXANDALL, Michael. *Padrões de interação: a exploração histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BERGER, John. *Os modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- CALABRESE, Omar. *Fra parola e imagine: metodologie ed esempi di analisi*. Milano: Mondadori Università, 2008.
- CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- COOMARASWAMY, Ananda K. *Come interpretare un'opera d'arte*. Milano: Rusconi, 1989.
- COSTELA, Antonio. *Para apreciar a arte: roteiro didático*. São Paulo: SENAC, 1997.
- FABRIS, Annateresa (org.). *Arte e Política: algumas possibilidades de leitura*. São Paulo: C/Arte, 1998.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica Discursiva*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FRANZ, Terezinha Sueli. *Educação para a compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.
- HÉNAULT, Anne. *História concisa da semiótica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- MANGEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- OSROWER, Fayga Ostrower. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1986.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PARSONS Michael. *Para compreender a arte*. Lisboa: Presença, 2002.
- PLATÃO. "O Banquete". In: Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- TREVISAN, Armindo. *Como apreciar a arte*. Porto Alegre: AGE, 2002.
- WOODFORD, Susan. *A arte de ver a arte*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.